

LUIZ LONGUINI NETO

O NOVO ROSTO DA MISSÃO

Os movimentos ecumênico e evangelical
no protestantismo latino-americano

LUIZ LONGUINI NETO

O NOVO ROSTO DA MISSÃO

Os movimentos ecumênico e evangelical
no protestantismo latino-americano



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2002 por Luiz Longuini Neto

Primeira edição: Abril de 2002

Projeto Gráfico: Editora Ultimato

Revisão: Carlos Cunha

Preparação: Alcir Almeida de Souza

Délnia M. C. Bastos

Capa: Sônia Couto

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Longuini Neto, Luiz, 1957-

L858n
2002

O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e
evangelical no protestantismo latino-americano / Luiz
Longuini Neto. – Viçosa : Ultimato, 2002.
304p.

ISBN 85-86539-47-3

Inclui bibliografia

1. Igrejas protestantes - Missões - América Latina.
2. Evangelização - América Latina. 3. Ecumenismo.
- I. Título.

CDD 19.ed. 266.4

CDD 20.ed. 266.4

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORIA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557

E-mail: ultimato@ultimato.com.br

www.ultimato.com.br

■ 2ª Reimpressão

Com carinho e gratidão, para

Maria Helena Grava, minha mãe,
Domingos Longuini, meu pai,

Maria Salete e Rita de Cássia, minhas irmãs,
Rinaldo, meu irmão

Gente boa e simples, caipiras como eu, do interior
paulista,

Árvore frondosa e frutífera, como aquelas da Fazenda
Boa Vista,

Para onde eu volto e descanso feliz à sua sombra.

Agradecimentos

A Ökumenisches Studienwerk (Obra Ecumênica de Estudos), da igreja Evangélica da Alemanha, pela bolsa de estudos que possibilitou a pesquisa.

A Missionsakademie (Academia de Missão), da Universidade de Hamburgo, que acolheu-me como estudante.

Ao professor doutor Geoval J. da Silva, pela orientação.

A Sandro Xavier, meu assistente.

As referências bíblicas, exceto na reprodução de alguns documentos, foram retiradas da Edição Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

SUMÁRIO

Introdução	9
------------	---

I. CONCEITUAÇÃO E FUNDAMENTOS HERMENÊUTICOS

1. Evangelical e movimento evangelical	17
2. Ecumênico e movimento ecumênico	33
3. Caminhos e descaminhos da pastoral	49
4. Missão das igrejas, missão de Deus e missão como parceira da pastoral	67

II. COOPERAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E REVOLUÇÃO

5. A América Latina como campo missionário	85
6. Missão sob o signo da cooperação e o estigma da dominação	91
7. A crise da identidade missionária diante dos problemas da América Latina	109
8. Missão no contexto revolucionário e sua relação com a pastoral	135

III. FUNDAMENTALISMO, EVANGELIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

9. Ação em Cristo para um continente em crise — Clade I, 1969	153
10. Para que a América Latina ouça a voz de Deus — Clade II, 1979	181
11. Todo o Evangelho para todos os povos — Clade III, 1992	197
12. O testemunho evangélico para o terceiro milênio: Palavra, Espírito e missão — Clade IV, 2000	213

IV. ECUMENISMO, LIBERTAÇÃO E SOLIDARIEDADE

13. A busca por um organismo ecumênico continental	221
14. O Conselho Latino-Americano de Igrejas: alternativas pastorais e missiológicas	235
15. A constituição do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai)	253
16. Um novo paradigma para a pastoral solidária: construir e celebrar a esperança	261
Conclusão	281
Bibliografia	287
Índice Onomástico	301

QUADROS

Quadro 1 – Congressos e Instituições Evangelicais	29
Quadro 2 – Congressos e Instituições Ecumênicas	46

DOCUMENTOS

I. Cella I – Primeira Conferência Evangélica Latino-Americana (1949)	113
II. Cella II – Segunda Conferência Evangélica Latino-Americana (1961)	121
III. Cella III – Terceira Conferência Evangélica Latino-Americana (1969)	127
IV. Clade I – Primeiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (1969)	165
V. Clade II – Segundo Congresso Latino-Americano de Evangelização (1979)	192
VI. Clade III – Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (1992)	204
VII. Clade IV – Quarto Congresso Latino-Americano de Evangelização (2000)	214
VIII. Convocatória para a Assembléia de Oaxtepec (Assembléia de formação do Clai – Conselho Latino-Americano de Igrejas, 1978)	246
IX. Carta de Oaxtepec (Documento final da assembléia de formação do Clai – Conselho Latino-Americano de Igrejas, 1978)	248
X. Mensagem do Clai às Igrejas do Continente Americano (Primeira Assembléia do Clai – Conselho Latino-Americano de Igrejas, 1982)	257
XI. Mensagem Final da Assembléia (Segunda Assembléia do Clai – Conselho Latino-Americano de Igrejas, 1988)	266
XII. Carta de Indaiatuba (Segunda Assembléia do Clai – Conselho Latino-Americano de Igrejas, 1988)	276

INTRODUÇÃO

Nos últimos quarenta anos vários movimentos religiosos¹ desempenharam um papel importante no cenário religioso latino-americano. Na realidade não podemos analisá-los como fenômenos isolados; ao contrário, precisamos entendê-los, também, à luz das transformações sociais, econômicas e políticas do continente.

A nova postura de setores relevantes da Igreja Católica Apostólica Romana, influenciados pelos ventos liberalizantes do Concílio Vaticano II (1962-1965) e pelas Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979), e a decorrente “opção pelos pobres” possibilitaram um criativo diálogo entre a teologia e as ciências sociais e a elaboração dos referenciais teóricos da teologia da libertação, a qual tem sua expressão pastoral e eclesial nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).²

No que diz respeito à relação igreja e sociedade, os setores progressistas da Igreja Católica no continente, em particular no Brasil, tiveram um papel importantíssimo na resistência às ditaduras

militares que assolaram a América Latina entre 1960 a 1990.³ Em grande parte essa resistência foi articulada por intermédio das chamadas pastorais especializadas, que foram não somente uma resposta aos desafios da conjuntura da época, como também uma proposta de atuação e presença da Igreja Católica na sociedade.

Os protestantes tiveram outra experiência. Sem o carisma da “unidade” e sem o respaldo institucional e popular, os teólogos protestantes que lideravam os movimentos progressistas no início da década de 1960, agrupados no Setor de Responsabilidade Social das Igrejas da Confederação Evangélica do Brasil (CEB)⁴ e na Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade (Isal)⁵, em sua maioria, foram perseguidos, presos, torturados e exilados de seus países pelos regimes militares.⁶ Em consequência, o movimento progressista protestante sofreu um certo esvaziamento e não pôde mais contar com um bom grupo ou, segundo opinião de alguns estudiosos,⁷ com a maioria de seus intelectuais. A partir de então floresceram no continente as missões de fé norte-americanas por meio do trabalho de instituições paraeclesiásticas, todas de origem fundamentalista e pietista cujas propostas foram muito bem aceitas pela maioria das comunidades protestantes devido à mesma mentalidade fundamentalista e pietista já existente entre elas.⁸

Também a partir dos anos de 1960, a tradicional classificação do protestantismo brasileiro em três vertentes — migratória, de missão e pentecostal — começou a receber questionamentos.⁹ O pentecostalismo assumiu características de um “protestantismo popular”, servindo como alternativa ao povo pobre que buscava não apenas soluções para os problemas imediatos como também uma comunidade de referência onde ele pudesse cultivar a fé e nutrir a espiritualidade.

Nesse contexto é que insere-se a contribuição dos dois movimentos religiosos focalizados neste livro. O primeiro é o movimento ecumênico, que tem como ponto central de articulação o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), fundado em 1948,¹⁰ com sede em Genebra (Suíça) e, conseqüentemente, sua história, suas assembléias gerais, comissões de trabalhos, congressos e conferências. Desejamos destacar, no entanto, que o CMI é uma instância ecumênica: a participação e representação em suas atividades se faz por delegação oficial das igrejas-membros; além disso, ele tem influenciado setores progressistas das igrejas também mediante trabalho dos organismos ecumênicos e das entidades ecumênicas de serviço.

O segundo é o movimento evangelical, que tem como ponto central de articulação a Aliança Evangélica Mundial (AEM), fundada em 1923,¹¹ e, também, conseqüentemente, sua história, suas assembléias gerais, comissões de trabalho, congressos e conferências. O movimento evangelical é uma iniciativa de cristãos e não de igrejas; portanto, trata-se de um movimento de pessoas. Em 1974, ele recebeu um novo impulso com a realização do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, ocorrido em Lausanne (Suíça)¹².

O ponto central deste estudo não será uma análise dos movimentos em si, mas uma abordagem sobre eles na América Latina, limitando-se também à questão da pastoral e da missão.

O ponto de partida será a radicalização que houve no protestantismo latino-americano a partir de 1969, após a realização de Cella III e Clade I. Nossa opinião é que o movimento ecumênico e o movimento evangelical articularam, a partir da década de 1960, uma proposta de renovação eclesiológica na América Latina no campo da relação entre igreja e sociedade, levando ao redimensionamento do conceito e da prática missiológico-pastoral das igrejas protestantes.

Destacamos, ainda, como diferenciação, o fato de que o movimento evangelical e o movimento ecumênico forjaram, de maneira particular, devido às suas peculiaridades intrínsecas e objetivos distintos de renovação eclesial, uma clara e definida ética social, vivenciada de maneira diferente em cada um deles. O movimento ecumênico articulou suas propostas de intervenção na sociedade com o termo “pastoral”, o qual foi rejeitado pelo movimento evangelical, que optou pelo termo “missão”.

Sendo assim, nosso objetivo será comparar os termos “pastoral” e “missão” nos movimentos ecumênico e evangelical na América Latina a partir dos documentos finais dos principais congressos e conferências missionárias, tendo em vista a relação destes com a renovação da eclesiologia e a conseqüente influência na sociedade latino-americana.

O livro apresenta quatro divisões principais. Na primeira, conceituamos missão, pastoral, movimento ecumênico e movimento evangelical. Na segunda, analisamos o movimento ecumênico sob três paradigmas: cooperação, desenvolvimento e revolução. Na terceira, discutimos o movimento evangelical, tendo como paradigmas: evangelização, fundamentalismo e conscientização. Na

quarta, voltamos a analisar o movimento ecumênico com outros três paradigmas: ecumenismo, libertação e solidariedade. O paradigma indica, em cada divisão, a correlação existente entre a proposta missiológico-pastoral vivenciada e articulada pelos movimentos naquele momento histórico.

Os documentos se referem aos congressos, conferências e assembleias gerais e estão entremeados em vários capítulos, a partir da segunda parte. Assim procedemos tendo em vista, primeiro, que esses documentos nos servem como referencial teórico; segundo, que promovem seu resgate histórico, uma vez que muitos já estavam esquecidos (fizemos a tradução para o português porque a maioria havia sido publicada em castelhano); terceiro, que eles servem para a elaboração de uma teoria crítica da missão e da pastoral na América Latina, algo até hoje inexistente.

Evitamos propositalmente uma conclusão repetitiva em favor de uma mais descritiva e narrativa. Também evitamos uma conclusão com “receitas” ou “previsões” para o futuro. Tratando-se de dois movimentos atuais que estão implementando novas ações a cada dia, achamos por bem solidificar nossas constatações, ao invés de apontar caminhos que poderiam parecer duvidosos.

Notas

¹ Utilizo aqui o conceito “movimentos religiosos” em sentido amplo. Nos capítulos seguintes utilizarei o conceito em sentido estrito, ou seja, sempre com relação aos movimentos ecumênico e evangélico. Para um entendimento específico dos movimentos religiosos, novos movimentos religiosos e seitas, tanto no Brasil como nos demais países da América Latina, consultar: ROLIM; BITTENCOURT F^o & HORTAL. *Novos movimentos religiosos na Igreja e na Sociedade*; e DUARTE. *Las mil y una caras de la religión: sectas y nuevos movimientos religiosos en América Latina*.

² Para uma boa visão panorâmica dessas tendências e os conseqüentes desdobramentos, ver: BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. LIBÂNIO, João Batista & ANTONIAZZI, Alberto. *20 Anos de teologia na América Latina*. DUSSEL, Enrique D. *Caminhos de libertação latino-americana*. Vol. I: Interpretação histórico-teológica; Vol. II: História, colonialismo e libertação; Vol. III: Interpretação ético-teológica; Vol. IV: Reflexões para uma Teologia da Libertação.

³ Cf. ANTOINE, Charles. *Church and Power in Brazil*.

⁴ Cf. GÓES, Paulo de. *Do individualismo ao compromisso social - A contribuição da Confederação Evangélica do Brasil para a articulação de uma ética social cristã*.

⁵ Cf. BITTENCOURT F^o, José. *Por uma eclesiologia militante: ISAL como nascedouro de uma nova eclesiologia para a América Latina*. Deve-se ressaltar nesse período a contribuição do teólogo e missionário norte-americano Richard Shaull. Não existe bibliografia satisfatória em nível latino-americano sobre a referida contribuição; destacamos, no entanto, trabalhos pioneiros. Ver SHAULL, Richard, et alli. *De dentro*

do furacão - Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação; e o recente trabalho de Eduardo Galasso Faria: *Richard Shaull: Renovador do pensamento teológico e evangélico no Brasil*.

- ⁶ Cf. BITTENCOURT, op. cit., p. 78 a 82: "Intelectuais; radicalismo e repressão".
- ⁷ Cf. ALVES, Rubem. "As idéias teológicas e os seus caminhos pelos sulcos institucionais do protestantismo brasileiro". In: VVAA. *História da teologia na América Latina*. p. 127 a 137.
- ⁸ Cf. SHAW, Myriam Ribeiro de Barros. *Sim eu sou feliz: Discussão sobre organização paraeclesialística e desarraigamento cultural*.
- ⁹ Cf. LÉONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro*; MENDONÇA, Antonio G. de & VELASQUES Fº, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. p. 11 a 60: "Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil".
- ¹⁰ A bibliografia sobre o movimento ecumênico em nível mundial é extensa. Tomaremos como ponto de partida as obras clássicas: GOODALL, Norman. *El Movimiento Ecumenico*. LEON, Jorge A. *Teologia de La Unidad*. HOWEL, Leon. *Feen acción - La obra del Consejo Mundial de Iglesias desde 1975*. Lamentavelmente, em nível latino-americano, a bibliografia deixa muito a desejar e na maioria são traduções que refletem sempre a perspectiva mundial. Há, contudo, que se fazer alguns destaques. Na clássica obra de GOODALL, op. cit., existe um bom capítulo, apesar de, para os dias de hoje, já bastante defasado, sobre o ecumenismo na América Latina, de RIVAS, Marcelo Pérez. "El Ecumenismo en América Latina". In: GOODALL, op. cit., p. 207 a 240. A obra mais relevante até o momento na perspectiva latino-americana continua sendo: SANTA ANA, Júlio H. de. *Ecumenismo e libertação*. Destaca-se, também, o recente trabalho de: PLOU, Dafne Sabanes. *Caminos de unidad - Itinerario del diálogo ecuménico en América Latina 1916-1991*. Na perspectiva católica destacamos: HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho - História, doutrina e prática católica do ecumenismo*.
- ¹¹ A bibliografia sobre o movimento evangélico em nível mundial é extensa. Tomaremos como ponto de partida as obras clássicas: ALLAN, J.D. *The Evangelicals: An illustrated History*. MARSDEN, George M. *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism*. Em nível latino-americano não existe praticamente nada; destacamos, contudo, o recente trabalho de CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *Movimento evangélico: considerações históricas e teológicas*.
- ¹² A partir de então forjou-se uma nova nomenclatura para o movimento evangélico em torno do "Pacto de Lausanne" ou "espírito de Lausanne". No Brasil, a Visão Mundial e a ABU Editora incumbiram-se de publicar uma coleção sob o patrocínio do Movimento de Lausanne. A coleção chama-se *Série Lausanne* e possui dez títulos. Sobre a teologia da missão do Pacto de Lausanne, consultar: STEUERNAGEL, Valdir. *The Theology of Mission in its relation to social responsibility within the Lausanne Movement*.

I.

CONCEITUAÇÃO E
FUNDAMENTOS
HERMENÊUTICOS

O tema com o qual vamos nos ocupar nesta primeira divisão está intimamente relacionado com a história, a vida e a missão da igreja no contexto latino-americano. Nosso objetivo é conceituar os quatro termos ou expressões que servem como eixos centrais deste livro: pastoral, missão, ecumênico e movimento ecumênico, evangelical e movimento evangelical. Não se trata apenas de uma conceituação genérica: antes queremos demonstrar a história da ação e, em parte, também a ação dessas expressões na história.

Desejamos, ainda, lançar os fundamentos hermenêuticos, ou seja, como interpretamos, aplicamos e utilizamos esses conceitos neste livro. Queremos, também, identificar as relações, as interseções, as confluências e as divergências entre esses conceitos.

Contudo não pretendemos esgotar a explicação desses termos nesta primeira parte. Aqui desejamos apenas traçar “o fio histórico-interpretativo”. O aprofundamento acontecerá nas divisões posteriores.

1 .

EVANGELICAL E MOVIMENTO EVANGELICAL

Conceituar quase sempre implica em “aprimorar”. Como conceituar algo que está em constante transformação? Por outro lado, faz-se necessário conceituar para poder compreender. Novamente nos deparamos com outro verbo, mas o mesmo significado: “com-preender”, cuja idéia seria prender alguma coisa.

Um bom ponto de partida é admitir que existe muita confusão ao redor do entendimento do termo “evangelical” ou ainda o que é o movimento evangelical. A primeira dificuldade que nos salta à vista refere-se naturalmente à relação entre o fundamentalismo e o evangelicalismo. Outras tantas advêm, tendo em vista a natureza histórica, a origem e o desenvolvimento dos dois movimentos.

Um pesquisador inglês, quase que ironicamente, registra: “Um fundamentalista é um evangelical que está zangado por algum motivo”.¹

Outro estudioso brasileiro classifica evangelical como algo extremamente negativo e destaca sua influência em denominações inteiras:

Evangelical significa conservador e adversário de tudo quanto cheira a liberalismo, modernismo e ecumenismo. Identifica uma ala muito forte do protestantismo atual e está presente em todas as denominações, abrangendo, às vezes, denominações inteiras.²

Seguindo quase a mesma linha, outro estudioso alemão conceitua o fundamentalismo como algo atrasado:

Fundamentalismo é um conceito que não transmite algo positivo, ao contrário, sugere algo primitivo, falta de esclarecimento, obscurantismo, estreiteza, intolerância com o sentido de rigidez nos princípios e fanatismo. Em síntese: Fundamentalismo é "rebelião contra o moderno".³

Qual seria a melhor abordagem para poder compreender com mais amplitude e liberdade a questão? Como e com quais hipóteses trabalham os autores que já estudaram o assunto? Com que conceito de evangelical e movimento evangelical trabalharemos neste livro?

Com estas perguntas em mente vamos alinhar nossos pensamentos. Deixamos claro, no entanto, que vamos trabalhar com três conceitos distintos no que tange a três movimentos: evangelical ou evangelicalismo;⁴ fundamentalismo;⁵ e ecumenismo. Admitimos, portanto, *a priori*, a diferença entre evangelicalismo e fundamentalismo. No decorrer do trabalho vamos aprofundar e esclarecer o porquê dessa distinção. Preocupa-nos neste momento a definição em torno de evangelical e movimento evangelical.

Quando afirmamos que aceitamos essa divisão entre fundamentalismo e evangelicalismo, estabelece-se de imediato outro problema que, na opinião de muitos, ao invés de esclarecer, complica ainda mais. Alguns autores têm estudado a questão, por opções metodológicas diferentes, dentro do que chamo de uma perspectiva integradora, ou seja, que busca estudar os dois movimentos como se fossem uma coisa só ou um decorrente do outro. Convém notar, no entanto, que a maioria desses autores, com raríssimas exceções, pertence ao grupo dos "ecumênicos"⁶. De outro lado, há os que analisam a partir de uma perspectiva que chamo de diferenciada, tendo em vista que não há uma definição estabelecida, ou seja, fazem a distinção entre fundamentalismo e

evangelicalismo. Há que se destacar, contudo, que a maioria desses autores, com raríssimas exceções, pertence ao grupo dos “evangelicais”.⁷

Interessante é notar que os “ecumênicos” e os “fundamentalistas” não estão interessados em fazer essa distinção entre fundamentalistas e evangelicais, mas somente os evangelicais se interessam em fazê-lo.

O que está por trás das definições?

O antropólogo Rubem César Fernandes escreveu um artigo em que apresenta o resultado da leitura de três décadas (1950, 1960 e 1970) do órgão oficial da Latin American Mission (LAM), o *Latin American Evangelist*, e afirma o seguinte:

...um ramo do fundamentalismo veio a ser chamado ‘evangélico’ nos Estados Unidos. Mas por influência missionária, o termo ‘evangélico’ na América Latina tornou-se praticamente um sinônimo de ‘protestante’ em geral. Utilizarei aqui a nomenclatura norte-americana, referindo-me apenas a uma das correntes do protestantismo, chamada ‘fundamentalista e evangélica’. Não tratarei portanto das ‘correntes principais’ (‘main line’), liberais e neo-ortodoxas, que predominam ainda nas grandes denominações dos Estados Unidos. Não considerarei, tampouco, as diferenças entre ‘fundamentalistas’ e ‘evangélicos’, considerando-os como partes de um *continuum* teológico e eclesiástico.⁸

A opção metodológica de Fernandes deve ser considerada, sem dúvida, ainda mais levando em consideração que ele fez sua pesquisa na década de 1970, quando não se podia divisar claramente as duas correntes: fundamentalismo e evangelicalismo. Fica, contudo, uma observação de cunho mais histórico. Faltou no artigo dele o senso crítico para detectar exatamente a contradição que aponta: “Como é possível que uma visão de mundo conservadora gere uma política progressista?” E na sua conclusão de que “as composições ideológicas pertencem ao plano conjuntural, assim como suas surpresas e adaptações”, que fundamentalistas e evangélicos não seguiriam por muito mais tempo neste “*continuum* teológico”, a contradição reside em que poderiam seguir juntos sim, e o fazem até hoje num “*continuum* estratégico”. O artigo citado é um bom ponto de partida para a nossa análise, uma vez que vamos assinalar justamente as diferenças que, por uma opção metodológica, não foram destacadas por Fernandes.

Seguindo outra abordagem metodológica para tentar explicar as origens do protestantismo brasileiro, mas deixando claro que evangelicalismo e fundamentalismo são a mesma coisa, Antônio Gouvêa Mendonça destaca as raízes do evangelicalismo nos grandes movimentos de avivamento ocorridos na Inglaterra e nos Estados Unidos na última metade do século 18 e na primeira do século 19.⁹ Coincide com Duncan A. Reily no que diz respeito à fundação da Aliança Evangélica¹⁰ em Londres (1846), nos Estados Unidos (1867) e no Brasil (1903).¹¹

Ainda segundo Mendonça, residem nesses dois movimentos os traços que, somados, podem ajudar a estabelecer o perfil do protestantismo brasileiro. Por um lado, temos princípios oriundos do movimento avivalista, tais como a conversão e a santificação do pecador; por outro, o princípio da união substancial de todos os protestantes em torno do que era essencial na fé evangélica. Mendonça conclui que esse movimento de união resultou na formação das Alianças Evangélicas e que foi uma forma de enfrentar o reavivamento do catolicismo no século 19. Sendo assim, ele afirma:

A combinação dos elementos acima permite traçar um perfil do protestantismo que se introduziu no Brasil no século XIX: um protestantismo 'evangelical' sob o ponto de vista da teologia e anticatólico sob o aspecto da estratégia. Por isso, é compreensível a evolução desse protestantismo para o fundamentalismo mais radical, denominacionalista e antiecumênico.¹²

No mesmo artigo, Mendonça esclarece que os termos usados para designar os não-católicos no Brasil sofreram uma evolução histórica, o que tem dificultado ainda mais o entendimento do que vem a ser evangélico ou evangelical em nosso país. No início os missionários usaram a expressão "os crentes", hoje descartada, uma vez que ficou restrita aos pentecostais. O termo "protestante", ainda segundo o autor, tornou-se técnico, apenas usado por cientistas sociais, historiadores descomprometidos e eventualmente por teólogos.

A conclusão do autor é bastante elucidativa:

O movimento evangélico traz consigo uma linha teológica e estratégica bem definida. Como, portanto, identificar todos os protestantes brasileiros como evangélicos? Embora as linhas do movimento se ajustem bem ao perfil da média dos protestantes brasileiros, existem muitos que, sendo evangélicos, não são

‘evangelicais’. Daí a necessidade que os expositores do protestantismo têm de introduzir o anglicismo ‘evangelical’ para distinguir ‘evangélicos’ de evangélicos. Aqueles, tipicamente conservadores, denominacionalistas, antiecumênicos e até fundamentalistas, e estes soltos nas mais variadas correntes. Para concluir poderíamos dizer que os protestantes brasileiros são evangélicos mas nem todos são ‘evangelicais’.¹³

O termo “evangelical” vem sendo usado na língua portuguesa como um anglicismo. Utiliza-se no português a mesma palavra do inglês *evangelical* cuja tradução seria evangélico ou poderia ser entendida como sinônimo de protestante.

Um dos problemas mais freqüentes e que têm dificultado a compreensão correta do termo reside exatamente na questão das traduções. Hans-Jürgen Prien, em sua monumental obra escrita em alemão e traduzida para o espanhol,¹⁴ utiliza o termo *evangelikale*, que deveria ser traduzido por “evangelical”, mas é traduzido por “evangelista”.

Destacamos, no entanto, que Prien utiliza o termo *evangelikale* no alemão como tradução de *evangelical* em inglês. A confusão acontece na tradução para o espanhol. Traduzir a expressão por evangelista confunde muito, uma vez que, na história desse movimento, evangelistas são pessoas que se destacam com um ministério específico de evangelização, como por exemplo Billy Graham.

Observamos ainda que essa palavra vem sendo usada, tanto na Europa como nos Estados Unidos, e por decorrência também entre nós, na América Latina, com um conteúdo específico e variado de época para época. Sendo assim, ela foi assumindo características distintas e não pode ser mais simplesmente traduzida como “evangélico” ou usada em sua forma original inglesa para identificar uma parte da cristandade que professa a fé evangélica ou protestante e não a fé católico-romana. Esse seria então o significado original que foi e em alguns casos ainda é usado em sentido amplo: *evangelical* ou evangélico equivaleria à totalidade dos cristãos que identificam-se com a Reforma Protestante do século 16. Nesse sentido, algumas igrejas protestantes em várias partes do mundo, por motivos históricos, acrescentaram ao seu nome o adjetivo “evangélico”. Como exemplo citamos o nome da Igreja Evangélica da Alemanha, em que “evangélico” significa ser protestante, em oposição a ser católico. No Brasil, temos o mesmo caso e com a mesma

igreja, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB),¹⁵ entre tantas outras. Na América Latina, quando da realização da Cella I (1949), houve uma recomendação para que as igrejas colocassem o adjetivo evangélico antes do nome.

É necessário, no entanto, destacar a evolução histórica desse termo. Trata-se de uma evolução não apenas no que tange à sua tradução, mas também de natureza teológica, ideológica e estratégica. Neste livro, usaremos o termo *evangelical* não no sentido amplo de evangélico, mas para identificar um grupo de cristãos comprometidos com um certo movimento, com uma certa postura, com uma certa maneira de crer e viver a fé cristã. No decorrer da leitura, ficará cada vez mais claro de quem estamos falando quando utilizamos o termo. Usaremos, portanto, *evangelical* para designar o indivíduo e movimento *evangelical* para caracterizar o movimento.

Como definir esse “ser” evangelical, ou em que crêem os evangelicais?

Existem várias maneiras de se tentar definir o “ser” evangelical. Todavia, quase todos os autores estão mais preocupados em definir em que crêem os evangelicais do que o que são evangelicais. Em princípio, há uma certa unanimidade em torno das principais doutrinas que caracterizam desde o início o movimento fundamentalista.¹⁶ Partem de um núcleo central, o mesmo usado para designar os “fundamentos da fé cristã” e agregam o que, na opinião deles, distingue os evangelicais. Essa unanimidade e o uso dos “fundamentals” para definir a fé evangélica constituem, na verdade, uma contradição, uma vez que o movimento *evangelical* é anterior ao movimento fundamentalista.

Em 1910, durante a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Americana, nos Estados Unidos, foi tomada uma decisão sobre os cinco pontos fundamentais da fé cristã. A estratégia visava confrontar os candidatos ao ministério pastoral que haviam feito o curso de teologia no *Union Theological Seminary* de Nova Iorque com as doutrinas verdadeiras da fé cristã.

Sobre a decisão, escreve Allan:

Na assembléia de 1910, os presbiterianos elaboraram um regimento dos ‘Cinco Fundamentos’ que consideravam inegociáveis: os milagres, o nascimento virginal, a morte expiatória, a ressurreição de Cristo e a autoridade da Escritura.¹⁷

Nos cinco pontos fundamentais descritos por Duncan Reilly não aparecem os milagres e adiciona-se a volta iminente de Cristo: “(1) Nascimento virginal de Jesus, (2) ressurreição corpórea de Jesus, (3) a inerrância das Escrituras, (4) a teoria substitucionária da expiação, (5) a iminente volta de Cristo”.¹⁸

Apesar de certas divergências, todos os autores concordam sobre esses pontos básicos, mas apenas como ponto de partida. Esses pontos servem como referencial, uma vez que, como já foi esclarecido, o movimento fundamentalista é uma espécie de linha de frente, um grupo militante que nasceu dentro do movimento evangelical, vindo mais tarde a se radicalizar e a se distanciar deste. Sendo assim, todo fundamentalista é um evangelical, mas nem todo evangelical é um fundamentalista. Muitos evangelicais, apesar de sustentarem a crença indestrutível nos “fundamentos”, não gostam de ver seus nomes associados com o movimento fundamentalista. Notemos como é grande a confusão.

George M. Marsden, estudioso do fundamentalismo norte-americano, define assim a crença evangelical:

O credo essencial do evangelical inclui: (1) a doutrina reformada da autoridade final da Bíblia, (2) o verdadeiro caráter histórico do plano da salvação de Deus lembrado na Escritura, (3) a salvação para a vida eterna baseada na obra redentora de Cristo, (4) a importância de evangelismo e missões, e (5) a importância de uma vida espiritualmente transformada.¹⁹

Samuel Escobar, um líder evangelical latino-americano e um dos primeiros a fazer a diferença entre evangelicais, ecumênicos e fundamentalistas desde o início da década de 1970²⁰, faz uma classificação, em 1982, na qual destaca os seguintes elementos:

(1) A herança teológica da Reforma: somente a fé, somente a Escritura, somente a graça e somente Cristo, (2) A paixão evangelística, oriunda dos grandes reavivamentos do século XVIII, sobretudo o de Wesley, (3) A piedade pessoal, característica do despertamento no luteranismo alemão de fins do século XVII que conhecemos como o pietismo: a ênfase na decisão pessoal e na experiência de uma relação com Deus, seguida por uma vida de oração e piedade associada a uma intensa vocação missionária, (4) A postura anabatista de separação entre Igreja e Estado, (5) A ética puritana: uma vida distinta e consagrada a Deus, com altos níveis de conduta, (6) A dimensão social do evangelho: um claro sentido de serviço, de obrigação social e de postura profética perante os males da sociedade.²¹

David Bebbington, estudioso do evangelicalismo na Inglaterra, enfatiza apenas quatro pontos:

(1) O conversionismo: a ênfase na necessidade de uma mudança de vida, (2) O ativismo: a ênfase no esforço evangelístico e missionário (a novidade que mais distinguiu o evangelicalismo de certas formas anteriores de protestantismo), (3) O biblicismo: a importância especial atribuída à Bíblia, (4) O crucicentrismo: a ênfase na centralidade do sacrifício de Cristo na cruz.²²

E é no evangelicalismo brasileiro que vamos notar a mais ampla definição, bem ao gosto do seu autor, um dos mais profícuos escritores do movimento evangelical, que detém forte poder de síntese e uma crítica aguçada ao analisar o cenário protestante latino-americano. Assim define Robinson Cavalcanti o evangelicalismo:

Preocupados com o equilíbrio, com a herança sadia da tradição conservadora, os evangélicos, grosso modo, desenvolveram as seguintes características: (1) *Leitura reverente das Escrituras*. Como Palavra de Deus escrita por homens. Uso criterioso das ferramentas científicas. Possibilidade de errância dos leitores e intérpretes; (2) *Confessionalidade credal*. Credos e Confissões como explicações úteis, parciais e suficientes da fé; (3) *Soteriologia seletiva*. Apenas alguns serão salvos. Divergências sobre o conceito de ‘penas eternas’; (4) *Cristologia*. Trinitária com ênfase nas duas naturezas; (5) *Evangelismo*. Anúncio a toda criatura, com sensibilidade transcultural; (6) *Missão da igreja*. Anúncio, edificação, comunhão, serviço e denúncia profética; (7) *Milagres*. Crença tanto nos bíblicos quanto nos atuais, evitando-se o ceticismo, a ingenuidade e o curandeirismo; (8) *Escatologia*. Diversidade de posições, com tendência ao amilenismo pós-tribulacionista; (9) *Ética*. Individual e social. Diferença entre aberrações e imperfeições. Espaço para *adiaphora* (liberdade criativa), defesa da democracia, pluralismo quanto ao socioeconômico, diálogo criativo com o mundo, santidade ativa (fazer coisas).²³

Seguindo a linha de que mais vale falar da fé evangelical do que do “ser” evangelical, vamos buscar num líder evangelical contemporâneo em nível mundial uma esclarecedora contribuição. Assim escreve John Stott:

Não basta somente ser um evangelical; também é essencial manter o testemunho de fé evangelical. Para o evangelical, fé não é alguma variação excêntrica do cristianismo histórico, pelo contrário, na nossa convicção é o cristianismo em sua mais pura e primitiva forma... Nossa preocupação primária como evangélicos é sermos

bíblicos. Se, portanto, puder ser provado para nós nas Escrituras que alguma de nossas crenças está errada, nós estaremos prontos para modificá-la ou suprimi-la imediatamente. De fato, a principal marca do autêntico evangelical é a determinação para submeter-se à Escritura de corpo e alma, junto com uma prévia confiança para submeter-se a qualquer coisa que, na perspectiva da Escritura, possa demonstrar ensinamento.²⁴

Percebe-se claramente por essas definições que existe, sem dúvida alguma, um certo núcleo ou pontos essenciais que são mencionados por quase todos os autores. Esses pontos determinam o que se pode chamar de fé evangelical e, por decorrência, aquele que crê, o “ser” evangelical. Seria bom, contudo, notar que quase todas as definições têm a mesma condicionante como ponto de partida, isto é, trata-se do que chamo de definições militantes, as quais são feitas na frente da batalha, com espírito de luta ou de cruzada. Dentro da mais legítima tradição cristã, são apologéticas, não são analíticas, com exceção da definição de Bebbington, e não superam os próprios limites nem apontam caminhos para superar preconceitos.

Nesse sentido estou de acordo com Paul Freston, que escreve como evangelical, esclarecendo, no entanto, que o termo é um anglicismo deselegante e se autodefinindo como “evangélico crítico”. Ele ressalta que, apesar de ser crítico, mantém-se “umbilicalmente ligado à massa evangélica do país”:

As oscilações históricas prejudicam qualquer tentativa de definir a essência do ser evangélico em termos de um conjunto de características que a nossa igreja porventura tenha, ou mesmo que gostaríamos que tivesse. A tradição é importante e deve ser conhecida, mas não pode ser normativa, nem mesmo sub-repticiamente. Embora seja possível, com Bebbington, definir um núcleo de traços permanentes, esses traços mudam de prioridade e, o que é ainda mais sério, sofrem nuances de interpretação (como no caso do biblicismo).²⁵

Paul Freston procura superar essa limitação, propondo outra forma para entender o ser evangélico mediante uma definição mínima, radical e libertadora. Sua conceituação é militante, sim, mas não apologética; antes, propõe o diálogo e a superação dos limites. Parte do princípio de que devemos buscar um novo conceito de “bíblico” e de “evangélico”. Vejamos:

Nas nossas comunidades evangélicas valoriza-se, e com razão, o ser bíblico. Na prática, porém, esse atributo funciona de uma

forma estranha. Ele é visto como uma posse da comunidade, da qual alguns talvez queiram divergir. Para evitar que isso ocorra as fronteiras são vigiadas... O ser bíblico como uma posse nossa torna esse conceito essencialmente negativo e limitante... Ser bíblico, pelo contrário, deveria ser visto não como uma posse, mas como uma agenda. Uma agenda positiva... Não é uma insígnia que ostentamos, mas uma aspiração piedosa de nossa alma e nossa mente... Se, em nível pessoal, ser bíblico é uma aspiração que sempre se realiza imperfeitamente, o mesmo vale em nível comunitário... Dessa forma, ser evangélico, na prática, equivale a inserir-se dentro de uma determinada tradição, definida como evangélica. Ser evangélico, nesse sentido, deveria significar ser radicalmente bíblico.²⁶

Nota-se que o esforço de Freston não reside apenas em trabalhar semanticamente as definições, antes propõe uma nova prática. Ele toca em pontos centrais e sugere uma inversão na postura que até hoje tem caracterizado o comportamento evangelical — de ser, como já afirmamos, um comportamento militante e apologético no que diz respeito não só a uma autodefinição, mas sobretudo ao relacionamento dos elementos que professam essa fé com outros segmentos ou grupos religiosos. Isso, na verdade, é o que nos interessa neste livro.

Buscando outro enfoque, Paul Freston toca “no santo dos santos” dos evangelicais, propondo uma “nova” maneira de se relacionar ou entender a Bíblia. Poderíamos afirmar que ele propõe uma forma mais comprometida de se ler a Bíblia.

Quais as implicações do desejo de ser radicalmente bíblico para nosso uso da Bíblia como indivíduos e como comunidades?... Em primeiro lugar, ao invés de fetichizar a Bíblia, honrando-a como símbolo, temos que levá-la a sério, por meio do trabalho árduo de interpretação e aplicação. Levar a Bíblia a sério nas suas duas dimensões: i) como livro humano, produto histórico e cultural que participa do grande princípio cristão da encarnação, e que por isso exige a aquisição de uma certa cultura bíblica (pelo menos compatível com o nosso nível de cultura geral) e exige que façamos a ponte com o nosso contexto (a contextualização não é um adendo opcional, mas é parte integral da tarefa de ser bíblico; não se pode ser bíblico apenas estudando a Bíblia!); e ii) como livro divino, normativo, que exige a meditação séria e a obediência criativa.²⁷

Fechando o círculo do seu raciocínio, Freston agrega outro elemento dentro da perspectiva do que significa o desejo de ser radicalmente bíblico: o compromisso com a expansão da religião

bíblica, em contrapartida ao compromisso com a expansão de determinada instituição. Prossegue com sua radicalidade, afirmando:

Devemos aplaudir tudo o que for bíblico, onde quer que se encontre (inclusive entre cristãos não-evangélicos ou entre não-cristãos)... O meu critério de colaboração não será que o outro tenha a mesma doutrina que eu tenho a respeito da Bíblia, mas será a medida em que o outro esteja de fato sendo bíblico.²⁸

Trabalharemos, portanto, com uma definição conceitual do movimento evangelical que, a princípio, não satisfaz plenamente, contudo não deixa um campo ilimitado. Tem como ponto de partida, por um lado, a origem fundamentalista, não exaurindo-se nela mesma, e, por outro, não avança para o campo da teologia liberal.²⁹

O movimento evangelical³⁰

O movimento evangelical é a conjugação dos esforços de evangelicais para levar adiante suas propostas. A principal instância de articulação é a Aliança Evangélica Mundial (AEM), fundada em 1923. Nosso objeto de estudo não é a AEM em si, e, sim, a influência dos congressos, mormente os latino-americanos, capitaneados pelo movimento evangelical, e a influência deles na pastoral e na missão. Nesse sentido, temos como pano de fundo o Congresso Mundial de Evangelização em Berlim (Alemanha, 1966), o Congresso Mundial de Evangelização em Lausanne (Suíça, 1974) e o Congresso Mundial de Evangelização em Manilla (Filipinas, 1989). (Veja mais sobre o assunto na terceira parte.)

A partir do Congresso de Lausanne, forjou-se uma nova nomenclatura para identificar o movimento evangelical em boa parte dele. Foi aprovado um pacto que ficou conhecido como o Pacto de Lausanne, hoje transformado no mais importante documento missiológico-pastoral do movimento evangelical. Fala-se, então, no movimento de Lausanne ou no espírito de Lausanne.³¹

A partir da década de 1980, o movimento evangelical inicia um processo de ressurgimento no Brasil, até mesmo como fruto de um movimento que acontecia também no exterior, impulsionado por organismos paraeclesiásticos, como Aliança Bíblica Universitária (ABU), Visão Mundial, Visão Nacional de Evangelização (Vinde), dentre outros.

A articulação impulsionada pelo Congresso Brasileiro de Evangelização (1983) e Congresso Nordestino de Evangelização (1988) culminou com um movimento pelo resgate da ética evangélica e por uma representação oficial dos evangélicos no Brasil, diante dos escândalos provocados por alguns deputados federais evangélicos que reorganizaram a Confederação Evangélica do Brasil. Esse processo resultou na criação de um órgão nacional de representação dos evangélicos, que recebeu o nome de AEVB (Associação Evangélica Brasileira).³²

Na parte três vamos detalhar a ação do movimento evangelical na América Latina e sua conseqüente relação com o movimento de Lausanne. Para uma compreensão mais abrangente das interrelações institucionais, elaboramos um quadro explicativo na tentativa de mapear os congressos e as instituições do movimento evangelical. Esclarecemos que um dos problemas que deve ser analisado para se entender melhor o trabalho das instituições ou organizações paraeclesiásticas reside na tradução dos nomes do inglês para o português e para o espanhol. Como não há uma “tradução” consagrada em livros especializados, vamos utilizar sempre o nome original em inglês e seguir as traduções já existentes para o português ou espanhol, buscando, assim, uma padronização.

Quadro 1 — Congressos e Instituições Evangelicais

	CONGRESSOS	MUNDIAIS	LATINO-AMERICANOS	NACIONAIS
		<ul style="list-style-type: none"> — 1966, Wheaton, Congresso sobre Missão Mundial — 1966, Berlim, Congresso Mundial de Evangelização — 1974, Lausanne, Congresso Internacional de Evangelização Mundial: Pacto de Lausanne — 1980, Pattaya, Consulta sobre Evangelização Mundial — 1983, Wheaton, Conferência Internacional sobre Natureza e Missão da Igreja — 1983, Amsterdã, Conferência Internacional de Evangelistas Itinerantes — 1989, Manilla, Congresso Internacional de Evangelização Mundial 	<ul style="list-style-type: none"> — 1962, Clase – Consulta Latino-Americana sobre Evangelização — 1969, Bogotá, Clade I — 1970, Cochabamba, Constituição da FTL — 1979, Lima, Clade II — 1992, Quito, Clade III — 2000, Quito, Clade IV 	<ul style="list-style-type: none"> — 1983, Congresso Brasileiro de Evangelização — 1988, Congresso Nordeste de Evangelização
	INSTITUIÇÕES	<p>Comunhão Evangelical Mundial – CEM (<i>World Evangelical Fellowship</i> – WEF) (Aliança Evangélica Mundial – AEM)</p> <p>Associação Interdenominacional para Missões no Exterior – AIME (<i>Interdenominational Foreign Missions Association</i> – IFMA)</p> <p>Associação Evangelical para Missões no Exterior – AEME (<i>Evangelical Foreign Missions Association</i> – EFMA)</p> <p>Associação Evangélica Billy Graham</p> <p>Visão Mundial (<i>World Vision</i>)</p> <p>Comunhão Cristã Interuniversitária (<i>Campus Crusade International</i> – Bill Bright)</p> <p>Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (CIEE) (<i>International Fellowship of Evangelical Students</i> – IFES)</p>	<p>Associação Nacional de Evangélicos – ANE (<i>National Association of Evangelicals</i> – NAE)</p> <p>Comitê Evangelical para a América Latina – CEAL (<i>Evangelical Committee for Latin American</i> – ECLA)</p> <p>Missão Latino-Americana – MLA (<i>Latin American Mission</i> – LAM)</p> <p>Seminário Bíblico Latino-Americano (SBL)</p> <p>Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL)</p> <p>Celep (Centro Evangélico Latino-Americano de Estudos Pastorais)</p> <p>Eirene</p>	<p>Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL)</p> <p>Aliança Bíblica Universitária (ABU)</p> <p>Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP)</p> <p>Sociedade de Estudantes de Teologia Evangélica (SETE)</p> <p>Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC)</p> <p>Visão Nacional de Evangelização (VINDE)</p> <p>Visão Mundial</p> <p>Associação Evangélica Brasileira (AEVB)</p>

Procuramos demonstrar neste capítulo a nossa visão e a concepção de evangelical e movimento evangelical com a qual trabalhamos. Partimos de uma abordagem histórica, mostrando a evolução do movimento, bem como o conceito que se veicula com o termo evangelical, tanto em nível mundial como continental e nacional. Ao elaborarmos o quadro comparativo das instituições do movimento evangelical, fazemo-lo certos de que, em alguns casos, o fator determinante foi nossa percepção, avaliação e convivência com elas. Talvez outros autores não concordem com essa classificação. Nosso próximo tema seguirá a intenção estabelecida no princípio e buscaremos conceituar e esclarecer o que entendemos por ecumênico e movimento ecumênico.

Notas

- ¹ MARSDEN. *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism*. p. 1.
- ² MENDONÇA. "Quem é evangélico no Brasil?" *Contexto Pastoral, Debate* n° 8, mai./jun., 1992. p. 4.
- ³ GELDBACH. "Der protestantische Fundamentalismus in den USA - Grundzüge seiner Entwicklung und Ausgestaltung". *Weltmission Heute* n° 13, 1993. p. 9.
- ⁴ O termo evangelical é caracterizado por alguns estudiosos brasileiros como um anglicismo deselegante, preferem usar o termo evangelicalismo como uma tradução correta. Em nosso trabalho, usaremos tanto evangelical como evangelicalismo.
- ⁵ O movimento fundamentalista não será objeto de estudo neste livro, contudo fazemos alusão a ele e serve-nos como referência. Trata-se do fundamentalismo cristão e protestante que teve origem nos EUA no ano de 1910.
- ⁶ FERNANDES. "Fundamentalismo à direita e à esquerda". In: VVAA. *Protestantismo e política. Tempo e Presença* n° 29, 1981, p. 13 a 55. MENDONÇA. *O Celeste Porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. MENDONÇA & VELASQUES. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. KAMPHAUSEN. "Die Neue Christliche Rechte in den USA und ihr Verhältnis zur Dritten Welt". *Weltmission Heute* n° 13, 1993. p. 105 a 133. GELDBACH. Op. cit. p. 9 a 38.
- ⁷ ESCOBAR. "Qué significa ser evangelico hoy?" *Mision* n° 1, 1982. p. 14 a 18 e 35 a 39. FRESTON. *Fé bíblica e crise brasileira*. CAVALCANTI. "Os protestantes e os evangélicos; liberalismo, neofundamentalismo e evangelicalismo". *Ultimato*, nov. 1993. p. 23 e 24.
- ⁸ FERNANDES. Op cit. p. 16.
- ⁹ MENDONÇA. "Quem é evangélico no Brasil?" *Contexto Pastoral, Debate* n° 8. p. 3. Antônio Gouvêa de Mendonça é no Brasil de hoje um dos mais respeitados sociólogos da religião. Protestante e pastor presbiteriano, tem buscado, com seus estudos, lançar as bases para uma teoria crítica do protestantismo brasileiro. De acordo com o interesse desta tese e do tema em apreço, sugerimos os seguintes textos para consulta: "Um panorama do protestantismo brasileiro". In: LANDIM, Leilah (org.). *Sinais dos Tempos*. p. 37 a 86. Trata-se de um estudo classificatório do protestantismo brasileiro que remonta às origens e destaca a busca do mesmo por sua auto-identificação. O mesmo texto foi publicado em *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. p. 11 a 60. Ver também,

“Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil”. In: MENDONÇA & VELASQUES. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. p. 133 a 144.

¹⁰ Convém destacar que essas “Alianças” eram regionais ou nacionais. A Aliança Evangélica Mundial foi fundada em 1923.

¹¹ REILY. *História documental do protestantismo no Brasil*. p. 245 a 246.

¹² MENDONÇA. “Quem é evangélico no Brasil?” *Contexto Pastoral, Debate* nº 8. 1992.

¹³ Idem, p. 6.

¹⁴ PRIEN. *Die Geschichte des Christentums in Lateinamerika*. A mesma obra traduzida para o espanhol: *La História del Cristianismo en América Latina*.

¹⁵ DREHER. *Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche*.

¹⁶ Apesar de uma certa unanimidade entre os autores, ainda existem divergências sobre os chamados “Fundamentais”. Analisaremos de maneira mais detalhada essas divergências na terceira parte, quando estudarmos o movimento fundamentalista. Sigo, no entanto, a tese de que o movimento fundamentalista nasce no movimento evangélico e os membros daquele podem ser classificados como “evangélicos militantes”. Confira: MARSDEN. Op. cit. Desenvolvo e aprofundo ainda mais essa tese demonstrando os vários períodos do movimento fundamentalista, destacando que na sua origem houve uma certa preocupação legítima e de conteúdo teológico e que mais tarde foi radicalizado por questões puramente ideológicas.

¹⁷ ALLAN. *The Evangelicals: An Illustrated History*. p. 140.

¹⁸ REILY. Op. cit. p. 312, nota 101.

¹⁹ MARSDEN. Op. cit. p. 4.

²⁰ ESCOBAR. In: QUIROZ (comp.). *Teologia en el camino: documentos presentados en los últimos veinte años por diferentes comunidades cristianas de América Latina*. p. 5 a 10.

²¹ ESCOBAR. In: FRESTON. Op. cit. p. 9.

²² BEBBINGTON. In: FRESTON. Op. cit. p. 9.

²³ CAVALCANTI. Op. cit. p. 24. (Itálicos meus.)

²⁴ In: ALLAN. Op. cit. p. 141.

²⁵ FRESTON. Op. cit. p. 11.

²⁶ Idem, p. 12.

²⁷ Idem, p. 13.

²⁸ Idem, p. 13.

²⁹ CAVALCANTI. Op. cit. p. 23 e 24.

³⁰ A bibliografia em português sobre este tema é escassa. Artigos, teses ou livros que estudem o movimento evangélico, sua origem, trajetória, implicações históricas, sociais e doutrinárias não existem. Há, contudo, um trabalho relevante que merece ser recomendado: CALVANI. *O Movimento Evangélico: considerações históricas e teológicas*.

³¹ Para mais informações e pesquisa, consultar: www.goshen.net/Lausanne.

³² FRESTON. Op. cit. p. 138 a 161: “Associação Evangélica Brasileira: radiografia de um parto”.